

ALTO DOURO - A PAISAGEM AGRÁRIA E OS EQUILÍBRIOS AMBIENTAIS

JOSÉ ALVES RIBEIRO *

RESUMO

Faz-se nesta resenha uma abordagem da paisagem duriense numa óptica ao mesmo tempo agronómica e ecologista, chamando a atenção para a tradicional harmonia da instalação da vinha na paisagem, para os novos impactes devidos aos modernos sistemas de implantação, para a problemática da necessidade de uma maior diversificação de culturas agrícolas e para os cuidados a ter para que esses equilíbrios ambientais não sejam demasiado perturbados.

A vinha quase monopoliza a actividade agrária na região demarcada do Alto Douro e tem grande expressão na paisagem, sobretudo na sub-região do Baixo Corgo e mesmo no Cima Corgo. Apenas no Douro Superior se dilui muito mais, de tal modo que em termos globais apenas ocupa 30% no B.C.; 12-15 no C.C. e 5% no D.S. da área geográfica da região demarcada (45.000 hectares de vinha em 250.000 hectares de área global), numa média que, apesar de tudo não é demasiada: 18%.

A sub-região do Douro Superior (Moncorvo, Vilariça, Foz Côa, Freixo e Barca de Alva) é uma zona de expansão natural da vinha duriense, ou seria se a conjuntura económica favorecesse a continuação do investimento na vitivinicultura.

Historicamente o sentido da expansão da vinha duriense foi sempre para maior interioridade, sobretudo desde o rompimento do Cachão da Valeira, nos finais do século XVIII, pois esse era o grande estrangulamento à passagem dos barcos rabêlos, base dos transportes naquela época.

* Dep. de Protecção de Plantas/UTAD - Vila Real.

Também historicamente a plantação de vinhedos tem passado algumas vicissitudes, quer económicas, quer técnico-culturais, desde as crises da filoxera nos finais do séc. XIX e da maromba, já nos princípios do séc. XX. A vinha da época pré-filoxérica era plantada em geios estreitos com duas a três fiadas de videiras, por vezes apenas uma, em patamares horizontais suportados por paredes de xisto. Ainda hoje restam alguns desses geios, mesmo com vinha, embora esta vinha já seja enxertada em bacelos americanos por causa do perigo sempre latente da referida praga. Muitos desses geios estão com outras culturas, sobretudo olival e amendoal. Mas a maioria deles ou foram reconvertidos posteriormente noutros sistemas de implantação da vinha, realizados ao longo deste século, ou foram simplesmente abandonados e recolonizados pela vegetação natural, constituindo os chamados "mortórios", onde em muitos casos ainda se notam as antigas paredes.

Na reconversão posterior, até aos anos 40 e mesmo 50 do século XX, a vinha duriense passou a alargar os geios com um maior número de fiadas de videiras e já apresentando o patamar não de todo horizontal mas com algum declive, embora menor do que o da encosta inicial, pois permanece a construção de paredes de xisto, num trabalho ciclópico de gerações, de muita mão de obra local e imigrada, até da Galiza, nesses tempos mais pobres. São as "pirâmides de xisto" na expressão de Torga.

São essas vinhas que ocupam a maioria da área actual cobrindo cerca de 25.000 ha. E representam um património notável de ordenamento correcto da paisagem, em todos os aspectos, salvaguardadas as limitações à circulação de veículos motorizados e tractores, aspectos que na época não se consideravam obviamente.

Só nos anos 70 e 80, com algumas experiências já nos anos 60, se desenvolveram os dois actuais sistemas de implantação de vinha: terraços com taludes de terra, sem paredes, e a denominada vinha ao alto, também sem paredes. O 1º sistema ocupará cerca de 7.500 hectares e o 2º cerca de 5.500. Nestes dois sistemas estão muitas das modernas vinhas implantadas ao abrigo do PDRITM, mas ao todo ainda representam uma percentagem escassa de vinhas preparadas para a mecanização.. Consideramos aqui na vinha ao alto também a vinha quase plana do sub-planalto.

Há vantagens e inconvenientes de um e outro sistema, mas a prática tem demonstrado que acima de 35 a 40% de declive ambos funcionam mal e tornam difícil quer o controlo das infestantes dos taludes, no 1º caso, quer o trabalho das máquinas no 2º caso.

Por todas as razões é fortemente aconselhável evitar as plantações nesses declives, aliás geralmente próximos de vales de rios, ribeiras e linhas de água, espaços que deverão ser preservados ecologicamente, ou seja com a vegetação natural que nessas linhas de água protegem toda a encosta da denominada erosão basal, que tende a "descalçar" de baixo para cima toda uma linha de água ao longo de uma encosta, quando desprotegida nesse aspecto.

Também se tem abusado da implantação de vinha, no topo das colinas, onde se deverão manter os bosques, pinhais ou matagais aí existentes, pois para além da defesa da erosão e de contribuírem para a retenção de reservas hídricas para toda a colina, constituem um complemento de equilíbrio para a harmonia da paisagem. Há que investir mais em sistemas mistos (numa mecanização adaptada) mantendo alguns muros antigos, havendo actualmente novas técnicas de construção e manutenção dos muros, assim como apostar no sistema de implantação de terraços de uma só linha e baixos taludes.

CULTURAS COMPLEMENTARES

Não são muitas, dada a pobreza do solo e a orografia enrugada e declivosa da região, para além de algumas limitações climáticas de aridez e excessivo calor estival. Mas é tradicional na região a cultura da oliveira, sendo essencialmente de bordadura no Baixo e Cima Corgo, fazendo algum abrigo à própria vinha e embelezando a paisagem. No Douro Superior, com mais afinidades com a denominada Terra Quente, a oliveira tem ainda maior expressão, assim como a amendoeira, outra cultura tradicional na região duriense e de imenso interesse como cartaz turístico, apesar de algumas limitações ao aspecto económico. Infelizmente nas modernas plantações de vinhedos não se têm plantado oliveiras em bordaduras, desabrigando a vinha e empobrecendo a beleza da paisagem.

Os citrinos estão mais confinados a estreitas várzeas do rio Douro e alguns dos seus afluentes junto à foz, tendo pouca expressão comercial embora de grande tradição e razoável qualidade. É outro complemento interessante na paisagem agrária, havendo mesmo nalgumas zonas, como no Sabor e Vilariça, na foz do Tua, em Barca de Alva e Freixo, na zona da Pala, etc., alguns pequenos mas belos terraços com as viçosas laranjeiras, encastadas na aridez pedregosa do xisto circundante.

Quanto à importância da fruticultura em geral (cerejeiras e outras prunóideas, macieiras, pereiras etc.) esse sector está algo restrito na região demarcada. Praticamente só tem grande expressão nas zonas de transição para as terras altas, quer do lado transmontano, quer do lado beirão (aliás mais desenvolvidas neste lado, desde os belíssimos cerejais de Resende, Penajóia e S. Martinho de Mouros, até aos magníficos pomares de pomóideas de Lamego, Armamar, Tarouca e Moimenta da Beira).

Também Vila Real, Carrazêda de Ansiães, Alfandega da Fé, Macêdo de Cavaleiros e utras do lado Norte são zonas frutícolas por natureza e com potencialidades ainda maiores que a área frutícola que possui. Quanto à fruticultura há que diversificá-la por exemplo nos pequenos frutos (groselhas, framboesas, mirtilos etc.).

FLORESTA

A floresta é talvez a grande potencialidade futura da região. E pode articular-se com a silvo-pastorícia, com a caça e com o turismo. Além disso os bosques, pinhais e matos arbustivos têm ainda outras missões importantíssimas:

- a) Amenização da excessiva aridez e calor estival.
- b) Compartimentação da paisagem;
- c) Abrigo de ventos;
- d) Abrigo e apoio da fauna;
- e) Espaços de recreio e de lazer;
- f) Embelezamento da paisagem.

Há que investir portanto na floresta duriense, a começar pelo sobreiro, azinheiras e zimbros nas zonas de mais marcada mediterraneidade e nos pinheiros e carvalhos nas zonas mais ocidentais ou sejam de alguma sub-atlanticidade, como é o caso do Baixo Corgo. Há que travar o excesso de eucalipto, demasiado exigente em água e algo sensível a geadas para ser aconselhável nesta região.

Há que acarinhar a floresta natural duriense, mesmo a reinstalada em velhos mortórios e defender o seu património genético e ecológico constituído pela enorme variedade de espécies autóctones, quer arbóreas (sobreiros, azinheiras, carvalheiras, zimbros, etc.) quer arbustivas (medronheiros, estêvas, lentiscos, troviscos, rosmaninhos, tomilhos, oregos, cornalheiras etc., sendo esta última uma espécie aparentada com o pistácio que é um fruto seco possível de cultivar na região).

Na flora duriense abundam espécies vegetais bravias, comestíveis, aromáticas, medicinais, condimentares e melíferas, aspectos que constituem outra potencialidade para o futuro. Também abundam os cogumelos comestíveis e os espargos bravos, também comestíveis na fase de rebentação e muitas outras espécies de elevado valor botânico, ecológico e utilitário. Há que preservar estas espécies e os seus habitats, o que significa que há que ter alguns cuidados com a gestão do ambiente e com a paisagem, para bem do seu equilíbrio, harmonia e biodiversidade, e os principais cuidados serão os seguintes:

- a) Respeitar a vegetação ribeirinha (amieiros, freixos, lódãos, salgueiros etc.);
- b) Respeitar as linhas de água;
- c) Drenar bem as situações de encharcamento;
- d) Não desbastar a vegetação autóctone, sobretudo no topo das colinas e nas linhas de água e antes pelo contrário, repô-la, se necessário!;
- e) Não poluir as linhas de água e evitar extracções de inertes (areia, cascalho, etc) sem-critério;

- f) Evitar a proliferação de pequenas lixeiras a céu aberto e transformar as grandes em aterros sanitários;
- g) Evitar a proliferação de espécies exóticas invasoras e desequilibradas da vegetação autóctone (ex: ailantos, mimosas e sumagres). Apesar de as mimosas terem alguma beleza indiscutível e os sumagres uma história interessante: provenientes do Médio Oriente foram cultivados na região durante largas décadas para uso na indústria semi-artesanal da curtimenta de peles, devido ao tanino em que são ricos. Abandonada a sua cultura, hoje é um arbusto infestante de taludes, bordaduras e até das próprias culturas agrícolas, sobretudo das vinhas;
- h) Evitar a degradação dos espaços de lazer (parques merendeiros, miradouros e praias fluviais por exemplo);
- i) Estimular a diversificação de culturas e actividades (incluindo o artesanato) na região;
- j) Sensibilizar os agricultores para as técnicas da Protecção Integrada no uso de agro-químicos, chamando a atenção dos viticultores durienses para um uso criterioso dos pesticidas (herbicidas, insecticidas e fungicidas) até porque as próprias Empresas Agro-químicas já estão a assumir também essa mesma filosofia;
- l) Reequacionar o sistema da implantação de vinhas mais adequado (geios c/ paredes; terraços com altos taludes de terra e duas linhas de videiras; vinha ao alto; terraços c/ baixos taludes de terra e uma linha de videiras...). Deixo a polémica, mas parece-me que o último sistema (em que se perde alguma área útil, mas com a Natureza, nunca se pode ter tudo) será o mais aconselhável para o futuro!;
- m) Manter o mais possível o sistema tradicional com muros de xisto, desde que se adaptem á mecanização, havendo hoje mini-tractores capazes de trabalhar em compassos muito estreitos.
- n) Que os grandes projectos de reconversão agrícola ou florestal sejam sujeitos a estudos de impacto ambiental e não seja permitida a instalação de indústrias poluidoras.
- o) Que sejam mobilizadas acções de investimento público no domínio ambiental: estações de tratamento de efluentes, aterros sanitários, arranjo de locais turísticos, etc.
- p) Que sejam incentivadas acções pedagógicas de educação ambiental a nível de escolas e outras instituições.
- q) Que sejam coordenadas e articuladas as linhas de acção veiculadas pelos diversos programas e projectos de apoio comunitário incidentes na região, bem assim como as estratégias da futura Comunidade Urbana em criação e as do PIOT já criadas para o Alto Douro Património Mundial

Há que ter pois muito cuidado com a Gestão da Paisagem e portanto da Natureza neste sensível Vale do Douro. Mais ainda com o acréscimo de responsabilidades que nos confere o estatuto de Património Mundial. Está em causa todo o equilíbrio ecológico e ambiental desta magnífica e majestosamente bela região duriense.